

m | Apresentação

Ao atravessarmos o marco centenário dos movimentos de vanguarda, o conceito de uma prosa modernista passa por uma série de revisões políticas, teóricas e estéticas. Historicamente, as leituras críticas do modernismo culminaram em abordagens que, por vezes, privilegiavam a ruptura dos escritores modernistas com as tradições literárias às quais respondiam — um procedimento frequentemente mal-informado pelo *make it new* de Ezra Pound —, e que, por outras, alienavam a escrita modernista do nosso tempo — especialmente ao depreender o “pós” de pós-modernismo como uma correção política e/ou estética do passado. Por que, afinal, a crítica pós-modernista do modernismo se concentrou tão fortemente na prosa? A “revolução da palavra” do modernismo se deu realmente *em* prosa? A crítica modernista contemporânea ainda é preponderantemente *sobre* a prosa? Dedicado aos Estudos Literários, este número da MATRAGA contribui com respostas a essas perguntas. Sob o tema “A prosa modernista na contemporaneidade” — e, portanto, evadindo-se de imperativos performáticos que, por meio de abstrações, deslocam textos de seus contextos e dos nossos —, os trabalhos aqui coletados sondam o passado e o presente da prosa modernista de diversos ambientes e momentos do século XX.

A prosa pode entoar a elegia? Virginia Woolf formula essa pergunta em 1927, enquanto anseia por um novo tipo de livro escrito em prosa, mas “que teria muitas das características da poesia”¹, em uma época em que escritores de vanguarda testavam fusões de narrativa e lírica, experimentavam novas formas tecnológicas, como a fotografia e a montagem cinematográfica, ou ainda forjavam novas linguagens não verbais. Tais fusões estão inscritas nos próprios ensaios, manifestos, diários, cartas e ficções que mundialmente descreviam e exigiam transformações líricas na prosa. No século XXI, é preciso reavaliar de que maneira essa prosa experimental modernista se engaja com a linguagem da informação e com os fardos da narrativa, ou da história,

¹ Cf. WOOLF, Virginia. *The Narrow Bridge of Art*. In: WOOLF, Virginia. **Granite and Rainbow**. London: Harcourt Brace, 1986. p. 11-23

ou da ciência, ou da filosofia. Assim o faz este número da MATRAGA. Fechando esta edição, o leitor encontrará Angela Maria Rubel Fanini (UFTPR/Unibrasil) lendo “A recriação discursiva da tecnologia em Oswald de Andrade”; Ricardo Postal (UFPE) lendo as figurações do arlequim que cruzam a poesia e a prosa de Mário de Andrade; Tarso do Amaral (FFP-UERJ/Souza Marques) lendo a ensaística de James Joyce; Marcela Lanius e Marcia A. P. Martins (PUC-Rio) lendo o drama modernista como meio de experimentação com a prosa, com especial interesse nos *closet dramas* de Zelda e F. Scott Fitzgerald; e Patricia Marouvo Fagundes (UFAC) lendo os “Contornos da prosa modernista em *The Waves*”. Ainda neste eixo investigativo, contamos com uma resenha do novo estudo de Mariângela Alonso, *A água e as pulsões em O lustre, de Clarice Lispector* (2019), assinada por Eduardo Neves Silva (USP), que escreve em celebração tanto do olhar crítico aguçado de Alonso quanto do centenário do nascimento de Lispector.

Esses trabalhos exemplificam o esforço dos estudos contemporâneos em traçar as transições que informam o amálgama de textos literários organizados sob a égide do modernismo. Voltar aos vocabulários críticos dos modernistas antes de terem sido alcunhados de “modernistas”² é produtivo para pesquisadores que almejam desatar os nós críticos do passado. Ademais, essa retomada nos permite marcar como a arena crítica e ficcional do modernismo enseja restos a partir dos quais frequentemente escrevemos e pensamos. Reavendo esses restos da prosa modernista como prática e teoria literárias na contemporaneidade, abrimos este número no nosso momento presente. Nas nossas primeiras páginas, o leitor encontrará Kenneth David Jackson (Yale University) explorando o trabalho alegórico de João Almino com uma Brasília modernista; Ieda Magri (UERJ) explorando epistemologias latino-americanas do contemporâneo em conexão com o *avant-garde*; e Genevieve Abravanel (Franklin & Marshall College) explorando o romance *NW*, de Zadie Smith, como um guia implícito para os perigos de uma crítica que busca traços modernistas em obras de autoras/es de periferia — uma metodologia que, como afirma Abravanel, reforça o capital cultural do modernismo europeu branco.

Este volume acolhe, ainda, dois textos de crítica literária modernista que continuam a experimentar com a própria forma do artigo acadêmico. Ao ler o conto “Os chapéus transeuntes”, de Guimarães Rosa, como uma performance autoficcional, David Lopes da Silva (UFAL) mobiliza igualmente os críticos, os amigos e a família do autor para reunir um mosaico de vozes, articuladas por meio da colagem de biografemas que o pesquisador produz. O resultado é um Rosa queerizado, cujo nome se transforma em um signo ao redor do qual uma forma de fofoca produtiva acontece. Já Saskia McCracken (University of Glasgow) e Greg Thomas (University of Edinburgh) se apropriam da estratégia de Virginia Woolf de narrar entre colchetes os episódios da família Ramsay em “O tempo passa”, em *Ao Farol*, para intercalar as figurações fora de colchetes da Sra. McNab, uma das criadas no romance de Woolf, com seus comentários críticos entre colchetes. Ao enquadrar assim o artigo, os pesquisadores contribuem para o debate atualíssimo sobre Woolf e classe, criando suas próprias intervenções na prosa da autora.

² See GILBERT, Geoff. **Before Modernism Was**: Modern History and the Constituency of Writing. New York: Palgrave Macmillan, 2004.

Uma última questão surgiu enquanto trabalhávamos neste número: *o que seria a ficção experimental “modernista” no século XXI?* Apesar de uma resposta estar ainda em elaboração pelos muitos estudiosos dedicados à questão, publicamos com alegria um conto original da premiada autora Kirsty Gunn, “It is lonely being a young man sent abroad to fight’ she said”, para expor a relevância da própria pergunta. O tema, o foco, a moldura e a estratégia da narrativa de Gunn ressoam muitas das questões levantadas por este número — o que não surpreende, visto que sua conexão com Katherine Mansfield resultou na publicação do “caderno” autoinvestigativo de Gunn sob a rubrica de sua conterrânea modernista, *My Katherine Mansfield Project* (2015), além de outros projetos sobre Mansfield e identidade. Outra pista que deixamos para contribuir com elaborações em torno de nossa última pergunta pode ser encontrada na resenha assinada por Roberto Acízelo de Souza (UERJ) sobre a nova coletânea de Maria Conceição Monteiro, *Quando éramos todos vivos: e alguns poemas* (2019). O resenhista historiciza o impulso de apagar as fronteiras entre os gêneros literários que encontra na escrita de Monteiro, o que revela o desejo “modernista” de “entoar a elegia” que também desponta na prosa poética do tempo de agora brasileiro.

As contribuições que apresentamos brevemente acima fazem deste número uma publicação incontornável para este momento de reavaliação e reposicionamento do modernismo. Os trabalhos aqui coletados retomam as crises mundialmente enunciadas pela prosa modernista, além de investigarem as permanências e as transformações dessas crises na teoria, na crítica e na ficção contemporâneas. Só podemos concluir, portanto, com um agradecimento às autoras e aos autores, aos pareceristas, e ao Conselho Editorial da MATRAGA por se dedicarem à publicação destes trabalhos inovadores e corajosos, que não temem percorrer o terreno crítico instável ao redor do “modernismo”.

Davi Pinho (UERJ) e Jane Goldman (University of Glasgow)